

Um lembrar de idioma diferente

De todas as coisas que considero valorosas no espaço da existência humana, a maior é o poder de lembrar. Somos como o caule suportado por uma raiz que nada mais faz para além de exigências. Exige tanto de nós, e tanto da capacidade de lembrar, que dependemos das memórias como se, sem elas, nos desfizéssemos em pétalas mortas que caem na terra e se deterioram com tudo o resto que também morre até à podridão.

Lembro, portanto, muito na vida. Centro-me nesta minha faculdade e sobrevalorizo-a, com uma razão justificada. Embora seja tenra de idade, sei que tenho coisas que recordar e isso reconforta-me, como o quente do lençol de inverno, como uma mãe que nos aconchega, e um irmão que nos beija a testa, e, já agora, um pai que nos limpa a lágrima da maçã do rosto. Recordar é, contudo, difícil e trabalhoso. É preciso muito de nós para não colar fragmentos ao tempo e deixá-los ir quando ficamos mais velhos. E estas memórias, disfarçadas de outra palavra, têm a tendência incomodativa de serem como as árvores grandes e produzem uma resina tão forte que damos por nós sem elas e nem o poder de nos lembrarmos porquê fica.

Devido à consciência que me levou a este estado, sempre cultivei a importância de conhecer. Independentemente de maior ou menor valor, tudo no Mundo que me é desconhecido merece um início de atenção até decidir se me devo focar nessa situação ou não. E quem diz situação diz pessoa, objeto, lugar. Viajar, no tempo ou no espaço, é a maior riqueza que temos. Devemos aproveitá-la como se dela dependesse a nossa existência.

.....

Era noite. Passei-a em branco por ter presente em mim a ânsia esmagadora de quem espera o que se avizinha. Os solavancos do avião, a descolar e a aterrar, ficam-me no sítio da memória mesmo ao lado das brincadeiras de pequena, com um carinho especial. Lembro-me, então, da rua do sítio a que chamaria casa nas próximas horas: as folhas de Outono a brilhar pelo chão alemão, as cores das casas e o cheiro de quem está perto, quente de se gostar tanto. As sensações, de tão diferentes serem, ficam-me distintas na lembrança e lembro por me fazer bem. Sabe-me a tanto que cedo à vontade e lembro mais, lembro mais, lembro mais...

Toda a importância histórica da cidade de Berlim foi arrebatadora para mim, um ser consciente e sensível ao peso do passado. Quase como que sentindo todos os torturados (uns sabendo, física e psicologicamente, outros torturados na alma e nos remorsos, sem nunca saberem realmente), passei-me pela calçada de sorriso umas vezes no rosto, outras vezes no ar. Quando me deparei com todas aquelas histórias e curiosidades, achei necessário procurar saber de que é que os outros eram feitos, para me preparar para as coisas futuras doerem menos. Aprendemos com os nossos erros mas, essencialmente (e preferivelmente), com os erros dos outros (e com as dores, e as torturas...). Somos mais ricos quando sabemos e quando conhecemos. E, no final, quando lembramos.

Recordo-me do laço criado entre os próximos, semelhantes de nacionalidade e diferentes de aspecto e perspectiva, que ali haviam chegado na mais perfeita ignorância do que esperar uns dos outros. Movidos, talvez, pela distância a que se encontravam do seu lar, assim se foram descobrindo, mais e melhor, por entre toda a azáfama que o andar e, por vezes, o correr pelo solo citadino, representaram. É-me importante saber mais dos outros, tanto dos mais novos como dos mais velhos, e a um dia de viagem senti-me, surpreendentemente para as minhas expectativas, mais cheia de vida alheia que nunca. Ensinávamo-nos uns aos outros: palavras, sons, gestos, reações. E quem costumava ensinar aprendia e quem costumava aprender também ensinava...Uma vez alguém me disse que se gosta mais quando se viaja e eu subscrevo na totalidade. Aprende-se mais sobre uma pessoa viajando com ela (repito, no espaço ou no tempo) e esta experiência, para mim, foi nada mais que a derradeira prova disso mesmo.

Após me render aos encantos do ar alemão, magiquei muito sobre o que me esperava depois da belíssima viagem de comboio que ligava Berlim a Świebodzin. E decorei os sons das vozes, as palavras escolhidas, as cores da roupa e dos olhos e da alma de quem seria a minha família o resto da semana. Quando pisei o solo polaco fui a mais ignorante de todas: soavam a diferente, usavam palavras estranhas e as cores da roupa, dos olhos e da alma eram imperceptíveis aos meus olhos pequenos e portugueses.

O caminho até casa, por entre o frio, as palavras pequeninas de tamanho e grandes de medo e insegurança preencheram o silêncio maior. Tudo me agradava e tudo me excitava a vontade e, quanto mais sabia, mais queria

saber.

Não me sinto apta para descrever com justiça toda a estadia nesta cidade enorme de amor, mas posso afirmar de sorriso pregado no rosto que trago comigo o maior dos mimos e a maior das doçuras. De tudo o que conheci, tenho comigo pedacinhos de pessoas no coração e guardo-os até o tempo presente mos tirar por inveja de não ser esse passado que ultrapassa em muito a monotonia rotineira dos meus dias.

Conheci lugares e pessoas, vivi lugares e pessoas, adorei lugares e pessoas, lembrei lugares e pessoas. E lembro-os, a todos, sem exceção, por terem ficado a tempo indeterminado com a condição de meros dias. É incrível o que um ser humano consegue sentir em tão pouco tempo. Foi a melhor conclusão a que cheguei, de muitas que me passaram pelos dedos para escrever mas deitei fora com o desdém próprio de uma mãe que só quer o melhor para o filho. Conheci-me a mim também, vivi-me, adorei-me, lembrei-me. E se não chegar, conheço-me agora melhor, e vivo-me, e adoro-me, e lembro-me. Não se cresce só com o tempo, cresce-se também com o espaço. E como se precisasse de me fazer maior por dentro para me caber tudo no coração, cresci interiormente e agora cabe-me cá tudo o que senti e cabe-me ainda o mais que virá.

Talvez por egoísmo, não poderei partilhar mais do que isto mas fiz o meu melhor para tocar quem me lê as palavras com o tanto que senti e mudei nesta viagem. Se o meu esforço não chegar, aceitem desde já as minhas desculpas todas, alinhadas e ordenadas por tópico e tudo. Há coisas impossíveis de explicar e eu não me sinto capaz de transmitir mais do que isto. No fundo, não quero. Ganhei lá coisas só minhas, e tenho-as comigo cá, e tê-las-ei por mais e mais e mais e mais dias ainda do que aqueles que precisaram para brotar no meu peito, sôfrego por conhecimento próprio e do próximo, memórias fantásticas de quem veio e ficou. Há coisas minhas, e deles, e vossas, se me ouvirem (e mesmo que não me ouçam são vossas na mesma) que nem a melhor fotografia, nem o melhor relato, nem a melhor palavra, nem o melhor vídeo explicarão. Como o amor que esgota os poetas e os pintores, estão em mim. Todos.

Maria Miguel Café